

Vida marinha: a pesca e a ecologia dos camarões

Ana Karolyne de Camargo Silvestre*

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Câmpus de Assis. Departamento de Ciências Biológicas. Av. Dom Antonio, 2100. Parque Universitário. CEP 19806-900, Assis, SP. *
karolynecamargo@hotmail.com

Palavras-chaves: arrastão; crustáceos; pesquisa; oceanos

Espetinho de camarão, escondidinho, camarão na moranga, risoto, bobó de camarão. Dona Benedita adorava colocar esses saborosos animais em seus pratos culinários. Um dia enquanto preparava mais uma de suas deliciosas receitas, começou a refletir o que era, enfim, um camarão. “O que será esse bicho?” E a cada pitada de sal, vinha uma nova pergunta. “Como o camarão vive no mar?”. “Como será que é feita a pesca de camarão?”. Dona Benedita realmente estava inquieta e questionadora, mal pôde esperar seu neto chegar para compartilhar toda aquela sua curiosidade. Pedro, um jovem estudante, escutou atenciosamente sua avó, mas confessou que nunca tinha parado pra pensar sobre o assunto. O que sabia, conforme aprendera na escola era que o camarão é um crustáceo assim como a lagosta, o caranguejo, o tatuzinho de jardim e o siri. Os crustáceos podem ser bastante diferentes entre si, possuindo diversas formas corporais. Em sua maioria os crustáceos são animais aquáticos, possuem uma carapaça rígida, cefalotórax (cabeça e o tórax fundidos) e dois pares de antenas.

Embora uma das primeiras questões da avó estivesse resolvida, a dúvida e a curiosidade contaminaram a cozinha. Pedro com a ajuda de seu computador foi pesquisar mais sobre o assunto,

e foi assim que descobriu que a coleta do camarão é feita através da pesca de arrasto. A pesca de arrasto, também conhecida como arrastão, acontece por todo litoral brasileiro e é considerada uma das formas de pesca mais predatórias. Enquanto a rede é arrastada sobre o fundo do mar, ela captura de tudo; sejam camarões, peixes, corais, moluscos, tartarugas ou esponjas marinhas. Ou seja, a rede não seleciona o que é interessante ao pescador e o que não é. Os animais que são pescados, mas não possuem interesse comercial, são chamados de fauna acompanhante e muitas vezes acabam sendo descartados no mar. Além disso, parte do sedimento é levantada enquanto ocorre o arrasto, danificando o substrato marinho e conseqüentemente o habitat de muitas espécies. Outro problema envolvido na captura desses crustáceos é a sobrepesca, que ocorre quando a extração excessiva dos recursos marinhos prejudica a capacidade de recuperação do estoque pesqueiro. Com menos indivíduos a reprodução e conseqüentemente a manutenção da população pode ficar bastante comprometida. Para garantir que as populações de camarões consigam se reproduzir, existe um período do ano em que há a proibição da pesca, que é chamado de período de defeso.

Precisamos nos atentar ao fato de que a importância dos oceanos vai além da atividade pesqueira. A produção de oxigênio realizado pelas algas, a regulação da temperatura no planeta, a extração de minérios, o uso para o turismo e o lazer, a utilização do mar como via de transporte e a descoberta de novos fármacos em organismos marinhos são apenas alguns dos inúmeros itens que demonstram a importância de estudos e planejamentos de proteção ao ambiente e às espécies marinhas.

Distante da cozinha de dona Benedita uma equipe de estudantes e pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Assis, SP, se preparavam para desembarcar do pequeno barco camaroeiro. Depois de acordar cedo e enfrentar o agito do mar do litoral de São Francisco do Sul, era hora de voltar para o laboratório improvisado e identificar as espécies de camarões coletadas. As coletas de camarões e outros crustáceos eram realizadas mensalmente durante um ano inteirinho. A partir dessas pesquisas seria possível saber, por exemplo, quais

espécies ocorrem no litoral norte catarinense, como esses crustáceos se distribuem e também o período reprodutivo das espécies estudadas, o que possibilita uma discussão mais sólida a respeito da época estabelecida para o defeso.

Nem todos os camarões que são pescados vão parar na peixaria ou no mercado, alguns deles não despertam nenhum interesse comercial. Por ser pequeno e possuir uma carapaça bastante rígida, o camarão *Sicyonia dorsalis*, popularmente conhecido como camarão pedra, faz parte da fauna acompanhante. Apesar de não ser um camarão valorizado comercialmente, sua sobrepesca pode afetar a cadeia alimentar marinha na qual está inserido.

Ainda são necessários mais estudos sobre essa espécie em São Francisco do Sul, mas alguns resultados já são bastante interessantes. Em uma das pesquisas foi estudado um pouco da ecologia deste camarão. Para que uma espécie ocorra e se estabeleça em um determinado local é necessário que ela encontre condições favoráveis. Imagine um lugar muito frio. Não é muito agradável, não é mesmo? Então vamos para um lugar bastante quente. Acho que ainda não nos sentiríamos confortáveis nesse ambiente. O mesmo ocorre com os outros animais, há uma faixa de temperatura específica para cada espécie para a qual ela está adaptada. Isso também pode ocorrer em relação a outros fatores ambientais, como a salinidade (quantidade de sal dissolvido na água), a quantidade de matéria orgânica presente no substrato e também o tamanho dos grãos de areia. A distribuição de muitas espécies de camarões está associada ao tamanho de grãos presentes no solo, isso por que muitos desses animais possuem o hábito de se enterrar durante o dia. O hábito de se enterrar na areia é uma estratégia desses animais contra a predação, enquanto estão enterrados possuem menos chance de serem predados por outros animais. Se o substrato marinho possuir grãos maiores, isso certamente dificultará que algumas espécies consigam se enterrar.

O camarão *Sicyonia dorsalis* foi mais abundante durante as estações em que a temperatura da água estava mais baixa, principalmente durante o inverno. Em relação à profundidade, a espécie foi mais abundante em profundidades intermediárias, provavelmente devido à soma de fatores ambientais favoráveis atuando ao mesmo tempo. Entretanto, o estudo não analisou outros fatores

que também podem ser responsáveis por limitar a distribuição das espécies, como o ciclo de vida, a presença de predadores e a interação entre diferentes animais. De acordo com o ciclo de vida, os camarões podem migrar para realizar a reprodução e a desova, o que pode influenciar muito na abundância e na distribuição desse camarão.

Estudos como esses, são bastante importantes, pois contribuem para o conhecimento sobre as espécies marinhas. Quando conhecemos melhor um animal e a região em que ele habita, podemos planejar de forma mais sustentável nossas atividades, como no caso a pesca.

Seria incrível se Dona Benedita e Pedro pudessem conversar com esses pesquisadores e estudantes. Eles iriam adorar saber mais do ambiente marinho e das inúmeras espécies que lá vivem.

Referências bibliográficas

Castilho, A.L.; Furlan, M.; Costa, R.C.; Fransozo, V. 2008. Abundance and temporal-spatial distribution of the rock shrimp *Sicyoniadorsalis* Kingsley, 1878 (Decapoda, Penaeoidea) from the northern coast of São Paulo state, Brazil. **Senckenbergiana Marítima**, 38: 75–83.

Castilho, A.L.; Furlan, M.; Costa, R.C.; Fransozo, V. 2008. Reproductive biology of the rock shrimp *Sicyoniadorsalis* (Decapoda: Penaeoidea) from the southeastern coast of Brazil. **Invertebrate Reproduction and Development**, 52(1–2): 59–68.

Costa, R.C.; Fransozo, A.; Negreiros-Fransozo, M.L. 2005. Ecology of the rock shrimp *Sicyoniadorsalis* Kingsley, 1878 (Crustacea: Sicyoniidae) in a subtropical region of Brazil. **Gulf and Caribbean Research**, 17: 49–56.

Dall, W.; Hill, B.J.; Rothlisberg, P.C.; Staple, D.J. 1990. The biology of the Penaeidae. In: Blaxter, J.H.S; Southward, A.J. (Ed.). **Advances in Marine Biology**. San Diego: Academic Press, p.1–489.

D’Incao, F. 1995. Brazilian rock shrimps of the genus *Sicyonia* (Decapoda: Sicyoniidae). **Nauplius**, 3: 101–125.

Graça Lopes, R.; Tomás, A.R.G.; Tutui, S.L.S.; Severino Rodrigues, E.; Puzzi, A. 2002. Fauna acompanhante da pesca camaroeira no litoral do estado de São Paulo, Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, 28(2): 173-188.

Haimovici, M.; Mendonça, J.T. 1996. Descartes da fauna acompanhante na pesca de arrasto de tangones dirigida a linguados e camarões na plataforma continental do sul do Brasil. **Atlantica**, 18: 161-177.

Pérez Farfante, I. 1985. The rock shrimp genus *Sicyonia* (Crustacea: Decapoda: Penaeoidea) in the eastern Pacific. **Fishery Bulletin**, 83: 1–79.

Rodrigues, A.M.T. 2000. **Diagnóstico sócio-ecômico e a percepção ambiental das comunidades pesqueiras artesanais do entorno da Baía da Babitonga (SC): um subsídio ao gerenciamento costeiro**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.